

AUTOR DE *SAPIENS E HOMO DEUS*

Yuval Noah Harari



21 Lições
para o
Século XXI

*Para o meu marido, Itzik, para a minha mãe, Pnina,
e para a minha avó, Fanny,
pelo seu amor e pelo seu apoio ao longo de muitos anos.*

ÍNDICE

13

Introdução

—

21

Primeira Parte

O Desafio Tecnológico

1. Desilusão

O fim da História foi adiado, 23

2. Trabalho

Quando fores grande, talvez não tenhas profissão, 41

3. Liberdade

A Big Data está de olho em ti, 69

4. Equidade

Quem detiver a informação detém o futuro, 99

—

109

Segunda Parte

O Desafio Político

5. Comunidade

Os seres humanos têm corpos, 111

6. Civilização

Só existe uma civilização no mundo, 119

7. Nacionalismo

Problemas globais precisam de soluções globais, 137

8. Religião

Agora, é Deus que está ao serviço da nação, 155

9. Imigração

Algumas culturas podem ser melhores do que outras, 169

—

187

Terceira Parte

Desespero e Esperança

10. Terrorismo

Não entrar em pânico, 189

11. Guerra

Nunca subestimar a estupidez humana, 201

12. Humildade

Não somos o centro do mundo, 213

13. Deus

Não invocar o nome de Deus em vão, 229

14. Secularismo

Reconhecer a nossa sombra, 237

—

251

Quarta Parte

Verdade

15. Ignorância

Sabemos menos do que julgamos, 253

16. Justiça

A nossa noção de justiça pode estar ultrapassada, 261

17. Pós-Verdade

Certas notícias falsas duram para sempre, 269

18. Ficção Científica

O futuro não é como vemos nos filmes, 285

—

297

Quinta Parte

Resiliência

19. Educação

A mudança é a única constante, 299

20. Sentido

A vida não é uma história, 311

21. Meditação

Observar, simplesmente, 353

—

363

Agradecimentos

—

367

Notas

—

INTRODUÇÃO

Num mundo pejado de informação irrelevante, a lucidez dá-nos poder. Em teoria, qualquer pessoa pode participar no debate sobre o futuro da Humanidade, mas é muito difícil mantermos a clareza de espírito. Frequentemente, nem nos apercebemos de que há um debate em curso, ou de quais são as questões centrais. Por termos coisas mais importantes em mãos, muitos de nós mal podem dar-se ao luxo de investigar: temos de ir para o trabalho, de tratar dos miúdos, de cuidar dos nossos pais idosos. Infelizmente, a História não é compreensiva. Se o futuro da Humanidade se decidir na nossa ausência — porque estávamos demasiado ocupados a alimentar e a vestir os nossos filhos —, tanto eles como nós não ficaremos imunes às consequências. Isto é muito injusto; mas quem disse que a História é justa?

Como historiador, não consigo dar alimento e roupa às massas — mas posso tentar oferecer-lhes alguma clareza, contribuindo assim para pôr o mundo em pé de igualdade. Se isto permitir que mais algumas pessoas, por poucas que sejam, participem no debate sobre o futuro da nossa espécie, terei cumprido a minha missão.

O meu primeiro livro, *Sapiens*, examinou o passado da espécie humana, analisando como um primata insignificante se tornou dono e senhor do planeta Terra.

Homo Deus, o meu segundo livro, explorou o futuro a longo prazo da vida, ponderando de que modo os seres humanos podem acabar por se tornar deuses, e qual poderá ser o destino último da inteligência e da consciência.

Neste livro, quero abordar especificamente o aqui e o agora. Irei centrar-me na atualidade e no futuro imediato das sociedades humanas. O que está acontecer neste preciso momento? Quais os maiores desafios e as maiores escolhas da atualidade? A que devemos prestar atenção? O que devemos ensinar aos nossos filhos?

É claro, sete mil milhões de pessoas têm sete mil milhões de objetivos distintos, e, como referi, pensar no panorama geral é um luxo relativamente raro. Uma mãe solteira que cria com dificuldades dois filhos num bairro de lata em Bombaim está concentrada na refeição seguinte; refugiados num barco em pleno mar Mediterrâneo sondam o horizonte em busca de terra firme; e uma pessoa moribunda num hospital sobrelotado em Londres encaminha todas as suas forças para mais uma golfada de ar. Todos têm problemas muito mais urgentes do que o aquecimento global ou a crise da democracia liberal. Não há livro nenhum que faça justiça a tudo isso, e não tenho lições a transmitir a pessoas nessas situações. Só me resta poder aprender com elas.

O meu objetivo, aqui, é global. Analiso as principais forças que moldam as sociedades em todo o mundo, e que provavelmente influenciarão o futuro do nosso planeta como um todo. Talvez as mudanças climáticas estejam muito longe das preocupações de pessoas em contextos de vida ou de morte, mas elas podem tornar os bairros de lata em Bombaim inabitáveis, provocar novas vagas de refugiados no Mediterrâneo e conduzir a uma crise mundial nos cuidados de saúde.

A realidade é composta por muitas camadas, e este livro tenta aflorar diferentes aspetos da nossa crise global, sem pretender ser exaustivo. Ao contrário de *Sapiens* e *Homo Deus*, este livro não será uma narrativa histórica, e sim uma seleção de lições. Estas lições não terminam com respostas simples. O seu intuito é estimular a reflexão e ajudar os leitores a participarem nos grandes diálogos do nosso tempo.

Na verdade, o livro foi escrito em conversa com o público. Muitos dos capítulos surgiram em resposta a perguntas que me foram dirigidas por leitores, jornalistas e colegas. Versões iniciais de algumas passagens foram anteriormente publicadas em diferentes formatos,

o que me deu a oportunidade de acolher reações e apurar os meus argumentos. Algumas secções centram-se na tecnologia, outras na política, outras na religião e outras na arte. Certos capítulos elogiam a sabedoria do ser humano, enquanto outros apontam o papel decisivo da estupidez humana. Mas a questão transversal mantém-se: o que se passa no mundo, hoje, e qual o sentido mais profundo dos acontecimentos?

O que significa a ascensão de Donald Trump? O que podemos fazer quanto à epidemia das *fake news*? Porque está a democracia liberal em crise? Está Deus de volta? Caminhamos para uma nova guerra mundial? Que civilização domina o mundo — a ocidental, a chinesa, o Islão? Deve a Europa manter as portas abertas aos imigrantes? Conseguirá o nacionalismo resolver os problemas da desigualdade e das alterações climáticas? Que devemos fazer quanto ao terrorismo?

Embora este livro adote uma perspetiva global, não descuro a esfera pessoal. Pelo contrário. Quero dar ênfase às ligações entre as grandes revoluções do nosso tempo e as vidas interiores dos indivíduos. Por exemplo, o terrorismo é simultaneamente um problema político global e um mecanismo psicológico interno. O terrorismo aciona o medo nas nossas mentes e sequestra a imaginação de milhões de pessoas. Do mesmo modo, a crise da democracia liberal desenrola-se não apenas nos parlamentos e nas mesas de voto, mas também nos neurónios e nas sinapses. É um lugar-comum dizer que tudo o que é pessoal é político. Mas numa era em que cientistas, empresas e governos estão a descobrir como manipular o cérebro humano, essa trivialidade é mais sinistra do que nunca. Assim, o livro tece simultaneamente considerações sobre o comportamento dos indivíduos e o comportamento de sociedades inteiras.

Um mundo globalizado influencia mais do que nunca a nossa conduta pessoal e a nossa moral. Cada um de nós está enredado em várias teias de aranha que tudo abrangem, o que, por um lado, nos limita os movimentos, mas, ao mesmo tempo, transmite a nossa mais pequena oscilação a pontos remotos. Os nossos hábitos quotidianos condicionam as vidas de pessoas e animais do outro lado do planeta,

e alguns gestos pessoais podem, inesperadamente, abalar o mundo inteiro, como aconteceu com a autoimolação de Mohamed Bouazizi, na Tunísia, que desencadeou a Primavera Árabe, e com as mulheres que partilharam as suas histórias de assédio sexual e deram origem ao movimento #MeToo.

Esta dimensão global das nossas vidas pessoais significa que é mais importante do que nunca pôr a nu os nossos preconceitos religiosos e políticos, os nossos privilégios de raça e de género, e a nossa cumplicidade involuntária na opressão institucional. Mas será esse um projeto realista? Como encontrar uma base ética sólida num mundo que vai muito além dos meus horizontes, que foge completamente ao controlo humano e que desconfia de todos os deuses e ideologias?

O livro começa por analisar a atual crise política e tecnológica. No crepúsculo do século xx, parecia que as grandes batalhas ideológicas entre fascismo, comunismo e liberalismo tinham redundado na vitória esmagadora do liberalismo. As políticas democráticas, os direitos humanos e o capitalismo de mercado livre pareciam destinados a conquistar o mundo inteiro. Mas, como de costume, a História tomou um rumo inesperado, e, depois de o fascismo e o comunismo colapsarem, agora é o liberalismo que está em apuros. Assim, para onde nos encaminhamos?

Esta pergunta é particularmente premente, porque o liberalismo está a perder a sua credibilidade no preciso momento em que as revoluções gémeas da tecnologia da informação e da biotecnologia nos confrontam com os maiores desafios que a nossa espécie algum dia encarou. A fusão da tecnologia da informação e da biotecnologia pode, em breve, deixar milhares de milhões de seres humanos fora do mercado de trabalho e sabotar tanto a liberdade como a equidade. Os algoritmos da *Big Data* podem criar ditaduras digitais em que todo o poder se concentra nas mãos de uma pequeníssima elite, enquanto a maioria das pessoas sofre não devido à exploração, mas devido a algo muito pior: a irrelevância.

No meu livro anterior, *Homo Deus*, discuti a fusão da tecnologia da informação com a biotecnologia. Mas enquanto esse livro se focava nas previsões a longo prazo – com uma perspectiva de séculos e, até, milénios –, este concentra-se nas crises sociais, económicas e políticas mais imediatas. Aqui, interesse-me menos pela criação da vida inorgânica e mais pelo Estado Social e por instituições específicas, como a União Europeia.

O livro não tenta abordar exaustivamente todas as consequências das novas tecnologias. Embora a tecnologia encerre muitas promessas maravilhosas, a minha intenção é destacar as ameaças e os perigos em particular. Uma vez que as empresas e os empresários que encabeçam a revolução tecnológica tendem a louvar os méritos das suas criações, cabe aos sociólogos, filósofos e historiadores como eu fazer soar os alarmes e explicar de que modo as coisas podem correr muitíssimo mal.

Depois de esboçar os desafios que temos pela frente, na segunda parte do livro olharemos para um vasto leque de reações possíveis. Conseguirão os engenheiros do *Facebook* usar a inteligência artificial para criar uma comunidade global que salvguarde a liberdade e a equidade humanas? Será a solução reverter o processo de globalização e restituir autoridade ao Estado-nação? Ou será preciso recuar ainda mais e ir buscar esperança e sabedoria às nascentes das tradições religiosas ancestrais?

Na terceira parte do livro veremos que, embora os desafios tecnológicos sejam inéditos, e apesar de a discórdia política ser intensa, a Humanidade estará à altura das circunstâncias se mantivermos os nossos receios sob controlo e formos um pouco mais humildes quanto aos nossos pontos de vista. Essa parte investigará o que pode ser feito quanto à ameaça do terrorismo, quanto ao perigo da guerra global, e quanto aos preconceitos e ódios que estão na origem desses conflitos.

A quarta parte lida com a noção de pós-verdade e interroga até que ponto ainda conseguimos compreender os desenvolvimentos globais e distinguir entre transgressão e justiça. Será o *Homo sapiens* capaz

de interpretar o mundo que criou? Ainda há uma fronteira nítida a separar a realidade da ficção?

Na quinta e última parte, combino estas diferentes camadas e olho de um modo mais geral para a vida numa época de perplexidade, em que as antigas narrativas faliram e, até agora, ainda não surgiu uma nova história para as substituir. Quem somos nós? Que devemos fazer com a nossa vida? De que aptidões precisamos? Perante tudo o que sabemos e não sabemos sobre ciência, sobre Deus, sobre política e sobre religião — o que podemos dizer acerca do sentido da vida, hoje?

Talvez isto pareça demasiado ambicioso, mas o *Homo sapiens* não pode esperar. A filosofia, a religião e a ciência estão a ficar sem tempo. Há milhares de anos que se debate o sentido da vida. Não podemos continuar este debate indefinidamente. A crise ecológica iminente, a crescente ameaça das armas de destruição maciça e o surgimento de tecnologias disruptivas não o permitirão. Mais relevante ainda, talvez, é o facto de a inteligência artificial e a biotecnologia estarem a dar à Humanidade o poder de reformular e recriar a vida. Muito em breve, alguém terá de decidir como usar este poder — com base nalguma narrativa implícita ou explícita sobre o sentido da vida. Os filósofos são pessoas muito pacientes, mas os engenheiros têm muito menos paciência, e os investidores menos ainda. Se não sabemos o que fazer com a capacidade de criar vida, as forças do mercado não vão esperar mil anos até que nos ocorra a resposta. A mão invisível do mercado vai impor-nos a sua resposta cega. A menos que confiemos de bom grado o futuro da vida a relatórios de contas trimestrais, precisamos de ter uma ideia nítida sobre o que é a vida.

No último capítulo, permito-me fazer algumas observações pessoais, falando de *Sapiens* para *Sapiens*, antes de o pano descer sobre a nossa espécie e de ter início todo um outro drama.

Antes de embarcar nesta expedição intelectual, gostaria de sublinhar uma questão determinante. Grande parte do livro analisa as falhas da mundividência liberal e do sistema democrático. Não é por julgar a democracia liberal particularmente problemática, e sim

por pensar que se trata do modelo político mais bem-sucedido e versátil que os seres humanos já desenvolveram para enfrentar os desafios do mundo moderno. Embora possa não ser o modelo adequado para todas as sociedades e em todos os estádios de desenvolvimento, ele já revelou o seu valor em mais sociedades e em mais situações do que qualquer outra das alternativas. Assim, ao analisar os desafios que temos diante de nós, é necessário compreender as limitações da democracia liberal, e explorar de que modo podemos adaptar e melhorar as suas instituições atuais.

Infelizmente, no presente clima político, qualquer reflexão crítica sobre o liberalismo ou a democracia pode ser usurpada por autocratas e vários movimentos iliberais, cujo único interesse é desacreditar a democracia liberal e não participar num diálogo aberto sobre o futuro da Humanidade. Embora discutam de bom grado os problemas das democracias liberais, praticamente não demonstram tolerância a quaisquer críticas que lhes sejam dirigidas a eles.

Como autor, tive, então, de fazer uma escolha difícil. Devo dizer o que penso livremente, correndo o risco que as minhas palavras sejam descontextualizadas e usadas para justificar autocracias? Ou deverei censurar-me? A marca distintiva dos regimes iliberais é tornarem a liberdade de expressão mais difícil, mesmo fora das suas fronteiras. Devido ao propagar destes regimes, está a tornar-se cada vez mais difícil refletir criticamente sobre o futuro da nossa espécie.

Depois de alguma introspeção, optei pela discussão aberta em vez da autocensura. Sem criticarmos o modelo liberal, não conseguiremos corrigir os seus defeitos nem ir além dele. Mas, por favor, que fique claro que só foi possível escrever este livro porque as pessoas ainda são relativamente livres de pensar o que quiserem e de se exprimirem segundo a sua vontade. Se der valor a este livro, também dará à liberdade de expressão.

PRIMEIRA PARTE

O DESAFIO TECNOLÓGICO

A Humanidade está a perder a fé na narrativa liberal que dominou a política global nas últimas décadas, precisamente no momento em que a fusão entre a biotecnologia e a tecnologia da informação nos confronta com os maiores desafios que a Humanidade alguma dia encarou.

1

DESILUSÃO

O FIM DA HISTÓRIA FOI ADIADO

Os seres humanos pensam através de narrativas e não através de factos, números ou equações, e quanto mais simples a narrativa, melhor. Todas as pessoas, todos os grupos e todos os países têm os seus próprios relatos e mitos. Mas durante o século xx as elites em Nova Iorque, Londres, Berlim e Moscovo formularam três grandes histórias que pretendiam explicar o passado e prever o futuro do mundo inteiro: a narrativa fascista, a narrativa comunista e a narrativa liberal. A Segunda Guerra Mundial derrubou a narrativa fascista, e, do final da década de 1940 até ao final da década de 1980, o mundo tornou-se um campo de batalha entre duas histórias apenas: comunismo e liberalismo. Depois, a narrativa comunista colapsou e a narrativa liberal manteve-se o principal guia para o passado humano e o manual indispensável para o futuro do mundo – ou assim pareceu à elite mundial.

A narrativa liberal louva o mérito e o poder da liberdade. Ela diz que, durante milhares de anos, a Humanidade viveu à mercê de regimes opressivos que concediam aos indivíduos poucos direitos políticos, poucas oportunidades económicas e poucas liberdades pessoais, sendo altamente limitadores da circulação de pessoas, ideias e mercadorias. Mas o povo lutou pela sua liberdade e, passo a passo, a liberdade conquistou terreno. Os regimes democráticos substituíram as ditaduras brutais. A livre iniciativa sobrepôs-se às restrições económicas. As pessoas aprenderam a pensar por si mesmas e a seguir a sua vontade, em vez de obedecerem cegamente a sacerdotes preconceituosos e a tradições retrógradas. As estradas

abertas, as pontes robustas e os aeroportos movimentados substituíram muros, fossos e vedações de arame farpado.

A narrativa liberal reconhece que nem tudo está bem no mundo e que ainda há muitos obstáculos a ultrapassar. Grande parte do nosso planeta está dominada por tiranos, e até nos países mais liberais há muitos cidadãos a sofrer com a pobreza, a violência e a opressão. Mas, pelo menos, sabemos o que temos de fazer para superar estes problemas: dar mais liberdade às pessoas. Precisamos de proteger os direitos humanos, de conceder a todos o direito ao voto, de instituir mercados liberalizados, e de deixar que indivíduos, ideias e bens circulem pelo mundo o mais facilmente possível. Segundo esta panaceia liberal — aceite, com ligeiras variações, tanto por George W. Bush como Barack Obama —, basta continuarmos a liberalizar e a globalizar os nossos sistemas político e económico para criarmos paz e prosperidade para todos.¹

Os países que se juntarem a esta marcha imparável do progresso serão recompensados com paz e prosperidade mais cedo. Os países que tentarem resistir ao inevitável sofrerão as consequências, até que também eles vejam a luz, abram as suas fronteiras e liberalizem as suas sociedades, as suas políticas e os seus mercados. Pode levar tempo, mas mais tarde ou mais cedo até a Coreia do Norte, o Iraque e El Salvador se parecerão com a Dinamarca ou o estado norte-americano do Iowa.

Nas décadas de 1990 e 2000, esta história tornou-se um mantra global. Muitos governos, do Brasil à Índia, adotaram fórmulas liberais numa tentativa de se juntarem à inexorável marcha da História. Os que não o fizeram foram comparados a fósseis de uma era há muito desaparecida. Em 1997, Bill Clinton, presidente dos Estados Unidos da América, não hesitou em repreender o governo chinês pela sua recusa em liberalizar as suas políticas, dizendo que isso o colocava «do lado errado da História».²

Todavia, desde a crise financeira de 2008 que pessoas em todo o mundo têm ficado cada vez mais desiludidas com a narrativa liberal.

Os muros e as *firewalls** estão novamente na moda. A resistência à imigração e aos acordos comerciais tem aumentado. De forma ostensiva, governos democráticos minam a independência do sistema judiciário, restringem a liberdade de imprensa e chamam traição a qualquer oposição. Líderes de países como a Turquia ou a Rússia procuram instituir novos tipos de democracias iliberais e ditaduras absolutas. Hoje, poucos declarariam com firmeza que o Partido Comunista Chinês está do lado errado da História.

O ano de 2016 — marcado pelo voto no Brexit no Reino Unido e pela ascensão de Donald Trump nos Estados Unidos — assinalou o momento em que esta vaga de fundo de desilusão atingiu os decisivos Estados liberais da Europa Ocidental e da América do Norte. Até há poucos anos, os americanos e os europeus ainda queriam forçar o Iraque e a Líbia a tornarem-se nações liberais, mas hoje muitas pessoas no Kentucky ou no Yorkshire passaram a achar a perspectiva liberal indesejável ou inatingível. Algumas descobriram uma afeição pelo velho mundo hierarquizado e não querem abrir mão dos seus privilégios raciais, nacionais ou de gênero. Outras concluíram (bem ou mal) que a liberalização e a globalização são uma enorme fraude que só serve para dar poder a uma ínfima elite, à custa das massas.

Em 1938, os seres humanos podiam escolher entre três narrativas globais; em 1968, só tinham duas; em 2018, nada resta por onde escolher. Não admira que as elites liberais, que dominaram grande parte do mundo em décadas recentes, tenham entrado numa fase de choque e desorientação. Termos a nossa história à qual nos agarrar é a situação mais tranquilizadora de todas. Nesse cenário, tudo é claro. Ficar-se subitamente sem narrativa nenhuma é assustador. Já nada faz sentido. Um pouco à imagem da elite soviética na década de 1980, os liberais não compreendem como é que a História se desviou da sua rota pré-estabelecida, e falta-lhes um prisma alternativo através do qual interpretar a realidade. A desorientação leva-os a pensar em

* As *firewalls* são dispositivos de uma rede de computadores que têm por objetivo aplicar uma política de segurança a um determinado ponto da rede. [N. T.]

termos apocalípticos, como se o facto de a História não ter redundado no final feliz que tinham imaginado só pudesse significar que ela caminha no sentido do armagedão. Incapaz de interpretar a realidade, a mente aferra-se a cenários catastróficos. Como alguém que imagina que uma dor de cabeça é sintoma de um tumor cerebral fulminante, muitos liberais temem que o Brexit e a ascensão de Donald Trump preannuncio o fim da civilização humana.

De matar mosquitos a matar pensamentos

A sensação de desorientação e de catástrofe iminente é exacerbada pelo ritmo cada vez mais acelerado da disrupção tecnológica. O sistema político liberal formou-se durante o período industrial para gerir um mundo de máquinas a vapor, refinarias de petróleo e televisores. É-lhe difícil lidar com as revoluções em curso no que respeita à tecnologia da informação e à biotecnologia.

Tanto os políticos como os eleitores mal conseguem compreender as novas tecnologias, quanto mais regular o seu potencial explosivo. Desde a década de 1990 que a Internet mudou o mundo, provavelmente mais do que qualquer outro fator; todavia, a revolução da Internet foi liderada por engenheiros, mais do que por partidos políticos. Alguma vez votou relativamente à Internet? O sistema democrático ainda está a tentar perceber o que aconteceu, e está mal preparado para enfrentar os próximos embates, como o advento da inteligência artificial e a revolução do *blockchain**.

Neste momento, os computadores tornaram o sistema financeiro tão complicado que poucos seres humanos conseguem compreendê-lo. À medida que a inteligência artificial se for apurando, podemos chegar ao ponto de nenhuma pessoa ser capaz de perceber o sistema financeiro. Que consequências terá isso

* O *blockchain* (também conhecido como «o protocolo da confiança») é uma tecnologia que visa a descentralização como medida de segurança. [N. T.]

no processo político? Consegue imaginar um governo que espera humildemente que um algoritmo aprove o seu orçamento ou a sua próxima reforma fiscal? Enquanto isso, as redes *peer-to-peer* de *blockchain* e as criptomoedas como a *bitcoin* podem reformular por inteiro o sistema monetário, obrigando a inevitáveis reformas fiscais radicais. Por exemplo, pode vir a tornar-se impossível ou irrelevante taxar dólares, por a maioria das transações não envolver trocas claras de divisas nacionais, ou de quaisquer divisas sequer. Os governos, nesse caso, terão de inventar impostos totalmente novos – talvez um imposto sobre a informação (que será tanto o ativo mais valioso na economia como a única coisa trocada em inúmeras transações). Conseguirá o sistema político gerir esta crise antes de ficar sem dinheiro?

Ainda mais importante, as revoluções gémeas da tecnologia da informação e da biotecnologia podem reestruturar não só economias e sociedades inteiras mas também os nossos próprios corpos e mentes. No passado, como seres humanos, aprendemos a dominar o mundo externo, tendo pouco controlo sobre os fenómenos internos. Aprendemos a construir barragens e a impedir rios de fluírem, mas não conseguíamos impedir o envelhecimento do nosso corpo. Sabíamos criar um sistema de irrigação, mas não fazíamos ideia de como conceber um cérebro. Se os mosquitos nos zumbiam nos ouvidos e nos perturbava o sono, sabíamos como matá-los; mas se um pensamento zumbia na nossa mente e nos mantinha acordados durante a noite, a maioria de nós não sabia como matar esse pensamento.

As revoluções da biotecnologia e da tecnologia da informação vão pôr-nos ao leme do nosso mundo interior, permitindo-nos modificar e criar vida. Aprenderemos a conceber cérebros, a prolongar vidas, a matar pensamentos à nossa vontade. Ninguém sabe quais serão as consequências. Os seres humanos foram sempre melhores a inventar ferramentas do que a usá-las de modo sensato. É mais fácil manipular um rio construindo uma barragem do que prever todos os efeitos complexos que isso terá no sistema ecológico

mais vasto. De igual modo, será mais fácil redirecionar o fluxo das nossas mentes do que adivinhar o que isso fará à nossa psicologia pessoal e aos nossos sistemas sociais.

No passado, conquistámos o poder de manipular o mundo à nossa volta e de reconfigurar todo o planeta, mas como não compreendemos a complexidade da ecologia global, as mudanças que provocámos afetaram inadvertidamente todo o sistema ambiental e, agora, estamos perante um colapso ecológico. No próximo século, a biotecnologia e a tecnologia da informação vão conferir-nos o poder de manipular o nosso mundo interior e de nos reconfigurarmos, mas como não compreendemos a complexidade das nossas próprias mentes, as mudanças que fizermos podem perturbar o nosso sistema mental ao ponto de também ele entrar em falência.

As revoluções da biotecnologia e da tecnologia da informação são lideradas por engenheiros, empresários e cientistas que dificilmente estão cientes das implicações políticas das suas decisões, e que certamente não representam ninguém. Serão os parlamentos e os partidos capazes de assumir as rédeas da questão? Atualmente, parece que não. A disrupção tecnológica não é, sequer, um dos principais tópicos da agenda política. Assim, durante a campanha para as eleições presidenciais de 2016 nos Estados Unidos, a principal referência à tecnologia disruptiva disse respeito ao desastre dos *e-mails* de Hillary Clinton, e apesar de se falar muito na taxa de desemprego, nenhum dos candidatos falou do impacto que a automatização poderá vir a ter.³ Donald Trump alertou os eleitores de que os mexicanos e os chineses lhes roubariam empregos, e que, portanto, deveriam construir um muro na fronteira mexicana.⁴ Ele nunca avisou os eleitores de que os algoritmos lhes roubariam o emprego, nem sugeriu que se construísse uma *firewall* na fronteira com a Califórnia.

Este pode ser um dos motivos (embora não o único) pelos quais até os eleitores no coração do Ocidente liberal estão a perder a fé na narrativa liberal e no processo democrático. As pessoas comuns podem não compreender a inteligência artificial e a biotecnologia, mas conseguem pressentir que o futuro está a deixá-las de parte.

Em 1938, a situação de um cidadão vulgar na URSS, na Alemanha e nos EUA podia ser sombria, mas era-lhe dito constantemente que ele era a coisa mais importante do mundo, e que ele era o futuro (é claro, desde que fosse um «vulgar cidadão» e não judeu ou africano). Esse cidadão olhava para os cartazes de propaganda — que, em geral, representavam mineiros em minas de carvão, operários em siderúrgicas e as suas mulheres, donas de casa, em poses heroicas — e revia-se neles: «Eu estou naquele cartaz! Sou o herói do futuro!»⁵

Em 2018, a pessoa comum sente-se cada vez mais irrelevante. Em *TED talks*, em grupos de reflexão organizados pelos governos e em conferências de alta-tecnologia difundem-se entusiasticamente palavras misteriosas — globalização, *blockchain*, engenharia genética, inteligência artificial, aprendizagem automática — e as pessoas comuns podem não suspeitar de que estas palavras lhes dizem respeito. A narrativa liberal era a narrativa das pessoas comuns. Como pode ela continuar relevante num mundo de ciborgues e algoritmos ligados em rede?

No século xx, as massas revoltaram-se contra a exploração e quiseram converter o seu papel vital na economia em poder político. Agora, as massas temem a irrelevância, e estão desejosas de usar o poder político que lhes resta antes que seja tarde demais. O Brexit e a ascensão de Trump ao poder podem, assim, demonstrar uma trajetória oposta à das revoluções socialistas tradicionais. As revoluções russa, chinesa e cubana foram feitas por pessoas que eram vitais para a economia, mas a quem faltava poder político; em 2016, Trump e o Brexit foram apoiados por muitas pessoas que ainda gozavam de poder político mas que temiam a perda do seu valor económico. Talvez as revoltas populistas do século XXI se façam não contra uma elite económica que explora o povo, mas contra uma elite económica que já não precisa dele.⁶ Esta pode parecer uma batalha condenada ao fracasso. É muito mais difícil lutar contra a irrelevância do que contra a exploração.

A fénix liberal

Esta não é a primeira vez que a narrativa liberal sofre uma crise de confiança. Desde que esta história conquistou influência global, na segunda metade do século XIX, ela passou por crises cíclicas. A primeira era da globalização e da liberalização redundou na chacina que foi a Primeira Guerra Mundial, quando as políticas imperiais travaram a marcha global do progresso. Nos dias que se seguiram ao assassinio do arquiduque Francisco Fernando, em Sarajevo, veio a revelar-se que as grandes potências acreditavam muito mais no imperialismo do que no liberalismo, e em vez de unirem o mundo através do comércio livre e pacífico, optaram antes por tentar conquistar uma fatia maior do globo através da força bruta. No entanto, o liberalismo sobreviveu a esse momento francisco-fernandesco e emergiu do caos mais forte do que nunca, prometendo que esta seria «a guerra que poria fim a todas as outras guerras». Alegadamente, a carnificina sem precedentes tinha mostrado à Humanidade o terrível preço do imperialismo, e agora os povos estavam finalmente prontos para criar uma nova ordem mundial com base nos princípios da liberdade e da paz.

Depois chegou o momento hitleriano, quando, na década de 1930 e no início da de 1940, o fascismo pareceu, por instantes, irresistível. A vitória sobre esta ameaça deu azo à era seguinte. Durante a fase che-guevariana, entre as décadas de 1950 e 1970, voltou a parecer que o liberalismo estava a dar as últimas e que o futuro seria comunista. No fim, foi o comunismo que sucumbiu. O supermercado revelou-se bastante mais forte do que o *gulag*. Sobretudo, a narrativa liberal mostrou-se muito mais flexível e dinâmica do que as narrativas adversárias. Ela suplantou o imperialismo, o fascismo e até o comunismo, ao adotar algumas das suas melhores ideias e práticas. Em particular, a narrativa liberal aprendeu com o comunismo a alargar o círculo da empatia e a valorizar a equidade juntamente com a liberdade.

No começo, a narrativa liberal estava sobretudo preocupada com as liberdades e os privilégios dos homens europeus de classe média,

parecendo indiferente ao sofrimento das classes operárias, das mulheres, das minorias e dos não ocidentais. Quando, em 1918, a Grã-Bretanha e a França falavam acaloradamente de liberdade, não tinham em mente os súbditos dos seus impérios ultramarinos. Por exemplo, a exigência de autodeterminação por parte da Índia teve como resposta o massacre de Amritsar, em 1919, no qual o exército britânico assassinou centenas de manifestantes desarmados.

Mesmo no rescaldo da Segunda Guerra Mundial, os liberais do Ocidente tiveram grandes dificuldades em aplicar os seus valores supostamente universais a povos não ocidentais. Assim, quando em 1945 os holandeses se livraram de cinco anos de brutal ocupação nazi, praticamente a primeira coisa que fizeram foi constituir um exército e mandá-lo para o outro lado do mundo para reocupar a sua antiga colónia da Indonésia. Enquanto, em 1940, os holandeses tinham abdicado da sua própria independência ao fim de cinco dias de combate, lutaram durante cinco longos anos para reprimir a independência indonésia. Não admira que muitos movimentos de libertação nacionais tenham posto as suas esperanças na Moscovo e na Pequim comunistas e não nos autointitulados combatentes pela liberdade do Ocidente.

Aos poucos, porém, a narrativa liberal expandiu os seus horizontes e, pelo menos em teoria, passou a valorizar a liberdade e os direitos de todos os seres humanos sem exceção. À medida que o círculo da liberdade se expandiu, a narrativa liberal foi reconhecendo a importância de programas de assistência social ao estilo comunista. A liberdade não vale de muito, a menos que venha acompanhada de uma qualquer rede de segurança social. Os Estados-providência sociais-democratas combinaram a democracia e os direitos humanos com ensino e cuidados de saúde estatais. Mesmo os ultracapitalistas EUA perceberam que a proteção da liberdade requer, pelo menos, alguns serviços públicos. Crianças que passam fome não têm liberdade nenhuma.

No início da década de 1990, tanto os intelectuais como os políticos anunciaram «o Fim da História», assegurando convictamente que todas as grandes questões políticas e económicas do passado

tenham ficado resolvidas, e que a nova modalidade liberal de democracia, direitos humanos, mercados livres e serviços públicos estatais era a única opção possível. Este pacote parecia destinado a difundir-se por todo o mundo, a ultrapassar todos os obstáculos, a dissolver todas as fronteiras nacionais, e a transformar a Humanidade numa comunidade global livre.⁷

Mas a História não acabou, e a seguir às fases de Francisco Fernando, Hitler e Che Guevara, damos por nós na fase de Trump. Desta vez, a narrativa liberal não defronta um adversário com coerência ideológica, como o imperialismo, o fascismo ou o comunismo. O momento atual é muito mais niilista.

Enquanto todos os grandes movimentos do século xx tinham um plano para a espécie humana — fosse o domínio global, a revolução ou a libertação —, Donald Trump não oferece nada disso. Aliás, propõe o contrário. A sua principal mensagem é que não cabe aos EUA formular e promover uma qualquer visão global. Do mesmo modo, quem votou no Brexit não tem um plano para o futuro do Reino Desunido. A maioria das pessoas que votaram em ambos não rejeitou o pacote liberal no seu todo — perderam fé, sobretudo, na parte que diz respeito à globalização. Ainda acreditam na democracia, nos mercados livres, nos direitos humanos e na responsabilidade social, mas acham é que essas ideias não têm de ir além da fronteira. Na verdade, elas acreditam que, para preservar a paz e a prosperidade no Yorkshire e no Kentucky, o melhor é construir um muro ao longo da fronteira e adotar políticas iliberais para com os estrangeiros.

A China, uma superpotência em ascensão, apresenta um quadro quase diametralmente oposto. Não quer liberalizar as políticas domésticas, mas adotou uma abordagem muito mais liberal quanto ao resto do mundo. No que diz respeito ao comércio livre e à cooperação internacional, Xi Jinping parece o verdadeiro sucessor de Obama. Tendo posto o marxismo-leninismo em segundo plano, a China parece satisfeita com a ordem liberal internacional.

A Rússia, que agora ressurge, vê-se a si mesma como uma rival muito mais forte da ordem liberal global, mas, embora tenha

recuperado o seu poderio militar, está ideologicamente falida. Vladimir Putin é, sem dúvida, popular tanto na Rússia como em diversos movimentos de direita em vários pontos do mundo, mas falta-lhe uma mundividência global que possa apelar a espanhóis desempregados, brasileiros desiludidos ou estudantes de Cambridge sonhadores.

A Rússia oferece um modelo alternativo à democracia liberal, mas este modelo não é uma ideologia política coerente. É, isso sim, uma prática política em que um grupo de oligarcas monopoliza a maior parte da riqueza e do poder do país, e depois usa o seu controlo dos meios de comunicação para esconder as suas atividades e consolidar a sua autoridade. A democracia baseia-se no princípio de Abraham Lincoln de que «é possível enganar toda a gente em alguns momentos, ou enganar algumas pessoas a todo o momento, mas não é possível enganar toda a gente a todo o momento». Se um governo for corrupto e não melhorar a vida das pessoas, um número suficiente de cidadãos acabará por se aperceber disso e trocará o governo por outro. Mas o controlo dos meios de comunicação por parte do governo mina a lógica de Lincoln, porque impede os cidadãos de se aperceberem da verdade. Através da sua monopolização dos *media*, a oligarquia vigente pode culpar repetidamente os outros pelos seus fracassos e desviar as atenções para ameaças externas — reais ou imaginadas.

Quando se vive sob o jugo de uma oligarquia destas, há sempre uma qualquer crise mais importante do que coisas corriqueiras como os cuidados de saúde ou a poluição. Se o país estiver a confrontar-se com uma invasão externa ou uma subversão diabólica, quem tem tempo para se preocupar com hospitais sobrelotados ou rios poluídos? Ao fabricar uma infundável sequência de crises, uma oligarquia corrupta consegue prolongar o seu domínio indefinidamente.⁸

Porém, embora na prática seja duradouro, este modelo oligárquico não interessa a ninguém. Ao contrário de outras ideologias que anunciam orgulhosamente a sua visão, as oligarquias instaladas não têm orgulho das suas atividades, tendendo a usar outras ideologias como disfarce. Assim, a Rússia finge ser uma democracia, e os seus líderes proclamam fidelidade aos valores do nacionalismo russo

e do cristianismo ortodoxo em vez da oligarquia. A extrema-direita francesa ou inglesa pode depender da ajuda russa e manifestar a sua admiração por Putin, mas mesmo os seus eleitores não gostariam de viver num país que seguisse o modelo russo — um país com corrupção endémica, mau funcionamento dos serviços, sem justiça verdadeiramente dita e uma desigualdade galopante. Segundo algumas estimativas, a Rússia é um dos países mais desiguais do mundo, com 87 por cento da riqueza concentrada nas mãos dos dez por cento mais ricos.⁹ Quantos apoiantes do Front National querem imitar este padrão de distribuição de riqueza em França?

Os seres humanos votam sem pensar. Nas minhas viagens por todo o mundo, encontrei várias pessoas em muitos países que queriam imigrar para os EUA, a Alemanha, o Canadá e a Austrália. Conheci algumas que queriam mudar-se para a China ou o Japão. Mas ainda estou para encontrar alguém que sonhe imigrar para a Rússia.

Quanto ao «Islão global», ele atrai sobretudo os que já nasceram no seu seio. Embora possa aliciar algumas pessoas na Síria e no Iraque, e até jovens muçulmanos alienados na Alemanha ou na Grã-Bretanha, dificilmente se imagina a Grécia ou a África do Sul — já para não falar do Canadá ou da Coreia do Sul — a juntarem-se a um califado global para resolver os seus problemas. Também neste caso as pessoas votam sem pensar. Para cada adolescente muçulmano que sai da Alemanha para ir viver numa teocracia muçulmana, provavelmente há cem adolescentes do Médio Oriente a querer fazer o percurso oposto e começar uma vida nova na Alemanha liberal.

Isto pode sugerir que a atual crise de fé é menos grave do que as anteriores. Qualquer liberal que seja levado ao desespero pelos acontecimentos dos últimos anos só tem de se lembrar de como mais sombrias eram as coisas em 1918, em 1938 ou em 1968. Feitas as contas, a Humanidade não abandonará a narrativa liberal, porque não tem alternativa a ela. As pessoas, zangadas, podem dar-lhe um murro no estômago, mas, não tendo mais para onde ir, acabarão por voltar.

Outra hipótese é as pessoas desistirem completamente de uma narrativa global, seja de que tipo for, e, em vez disso, buscarem abrigo

no folclore nacionalista ou religioso local. No século xx, os movimentos nacionalistas foram um agente político extremamente importante, mas faltou-lhes uma visão para o futuro do mundo que não fosse apenas apoiar a divisão do globo em Estados-nação independentes. Assim, os nacionalistas indonésios lutaram contra o domínio holandês, e os nacionalistas vietnamitas quiseram um Vietname livre, mas não existiu propriamente uma história indonésia ou vietnamita para a Humanidade como um todo. Quando chegou o momento de explicar de que modo a Indonésia, o Vietname e os restantes países libertos deveriam relacionar-se uns com os outros, e de que modo os seres humanos deveriam lidar com problemas globais como a ameaça de uma guerra nuclear, os nacionalistas voltaram-se invariavelmente para ideias liberais ou, então, comunistas.

Mas se tanto o liberalismo como o comunismo estão desacreditados, devem os seres humanos abandonar a ideia de uma única narrativa global? Vendo bem, estas narrativas globais — até mesmo o comunismo — não foram todas elas produto do imperialismo ocidental? Por que motivo devem os aldeões vietnamitas depositar a sua esperança nas ideias de um alemão de Tréveris ou de um industrial de Manchester? Não seria melhor os ocidentais pararem de tentar mandar no mundo e concentrarem-se antes nos seus próprios problemas, para variar?

Isto, provavelmente, é o que está a suceder em todo o mundo, à medida que o vácuo deixado pelo colapso do liberalismo vai sendo preenchido por fantasias nostálgicas sobre um qualquer passado dourado. Donald Trump conjugou os seus apelos ao isolacionismo americano com a promessa de «Tornar a América Novamente Grandiosa» — como se os EUA das décadas de 1980 e 1990 tivessem sido uma sociedade perfeita que os americanos devessem recriar no século XXI. O sonho dos *brexiteers* é tornar a Grã-Bretanha uma potência independente, como se ainda vivessem no tempo da rainha Vitória e como se o «maravilhoso isolamento» fosse uma política viável na era da Internet e do aquecimento global. As elites chinesas redescobriram a sua herança imperial e confuciana como

um suplemento, ou até como um substituto, da duvidosa ideologia marxista que importaram do Ocidente. Na Rússia, a visão oficial de Putin não é criar uma oligarquia corrupta, e sim recuperar o velho império czarista. Um século depois da Revolução Bolchevique, Putin promete um regresso às antigas glórias do tempo dos czares com um governo autocrático apoiado no nacionalismo russo e na devoção ortodoxa, espalhando o seu poder do Báltico ao Cáucaso.

Sonhos nostálgicos parecidos, que misturam o apego nacionalista a tradições religiosas, estão na base de regimes na Índia, na Polónia, na Turquia e em muitos outros países. Em nenhum outro sítio essas fantasias são tão extremas como no Médio Oriente, onde islamitas querem copiar o sistema estabelecido há 1400 anos pelo profeta Maomé na cidade de Medina, indo os judeus fundamentalistas de Israel ainda mais longe, sonhando com um regresso de 2500 anos até aos tempos bíblicos. Os membros do governo de coligação israelita falam abertamente da sua esperança de expandir as fronteiras modernas para que coincidam com as fronteiras da Israel bíblica, de voltar a instituir a lei bíblica e, até, de reconstruir o antigo Templo de Javé, em Jerusalém, no lugar da mesquita Al-Aqsa.¹⁰

As elites liberais assistem, horrorizadas, a estes desenvolvimentos e esperam que a Humanidade retome o caminho liberal a tempo de evitar a catástrofe. No seu último discurso nas Nações Unidas, em setembro de 2016, o presidente Obama alertou os seus ouvintes contra a retirada para «um mundo profundamente dividido, que só poderia conduzir ao conflito, seguindo ditames antigos de nacionalismo, tribalismo, raça e religião». Ao invés disso, «os princípios dos mercados abertos e da governação responsabilizada, da democracia, dos direitos humanos e da lei internacional continuam a ser, neste século, a base mais firme para o progresso».¹¹

Obama, com razão, tem enfatizado que, apesar das várias limitações do programa liberal, este tem um historial muito mais bem-sucedido do que as alternativas. A maioria dos seres humanos nunca desfrutou de tanta paz ou prosperidade quanto aquela de que usufruíram sob a égide da ordem liberal do início do século XXI.

Pela primeira vez na História, as doenças infecciosas matam menos pessoas do que a idade avançada, a fome mata menos pessoas do que a obesidade, e a violência mata menos pessoas do que os acidentes.

Mas o liberalismo não tem respostas claras para os grandes problemas que enfrentamos: colapso ecológico e disrupção tecnológica. Tradicionalmente, o liberalismo dependia do crescimento económico para resolver, como que por magia, os difíceis conflitos sociais e políticos. O liberalismo reconciliou o proletariado com a burguesia, os devotos com os ateus, os nativos com os imigrantes e os europeus com os asiáticos, ao prometer a todos eles uma fatia maior do bolo. Com um bolo que crescia a um ritmo constante, isso foi possível. Porém, não é o crescimento económico que vai salvar o ecossistema global — pelo contrário, ele é a causa da crise ecológica. E o crescimento económico também não resolverá a disrupção tecnológica — ele assenta na invenção de tecnologias cada vez mais disruptivas.

A narrativa liberal e a lógica do capitalismo de mercado livre encorajam as pessoas a ter grandes expectativas. Durante a última parte do século xx, todas as gerações — fosse em Houston, Xangai, Istambul ou São Paulo — gozavam de melhor ensino, melhores cuidados de saúde e rendimentos mais elevados do que as gerações anteriores. Nas próximas décadas, porém, devido a uma combinação de disrupção tecnológica e falência ecológica, a geração mais nova já terá sorte se não sair a perder.

Assim, ficamos a braços com a tarefa de criar uma narrativa atualizada para o mundo. Tal como as revoltas da Revolução Industrial deram azo às novas ideologias do século xx, também as revoluções vindouras da biotecnologia e da tecnologia da informação exigirão, muito provavelmente, novas visões. As próximas décadas poderão caracterizar-se por uma introspeção intensa e pelo formular de novos modelos sociais e políticos. Conseguirá o liberalismo reinventar-se uma vez mais, como aconteceu no rescaldo das crises de 1930 e 1960, emergindo mais apelativo do que nunca? Conseguirão a religião e o nacionalismo tradicionais oferecer as respostas que os liberais não conseguem proporcionar, ou conseguirão eles usar a sabedoria

antiga para criar uma mundividência atualizada? Ou será que chegou o momento de cortar de vez com o passado e fundar uma nova história de raiz que vá para lá não só dos velhos deuses e nações, mas também dos valores modernos nucleares de liberdade e igualdade?

Hoje, a Humanidade está longe de alcançar um consenso quanto a estas questões. Ainda atravessamos o momento niilista de desilusão e raiva, depois de as pessoas terem perdido a sua fé nas antigas narrativas, mas ainda antes de terem adotado uma nova. Então, o que se segue? O primeiro passo é aplacar as profecias de desgraça, passando do pânico para a perplexidade. O pânico é uma forma de soberba. Advém do sentimento arrogante de que se sabe exatamente para onde caminha o mundo — para o fundo do poço. A perplexidade é mais humilde e, portanto, mais lúcida. Se lhe apetece ir rua afora a gritar «Vem aí o apocalipse!», experimente dizer a si mesmo: «Não, não é isso. A verdade é que não compreendo o que se passa no mundo.»

Os capítulos que se seguem tentarão clarificar algumas das novas e desconcertantes perplexidades diante de nós, e como podemos agir a partir daqui. Mas antes de explorarmos as possíveis soluções para os problemas da Humanidade, temos de compreender melhor o desafio que a tecnologia representa. As revoluções da biotecnologia e da tecnologia da informação ainda estão na sua infância, e é discutível até que ponto elas serão realmente responsáveis pela atual crise do liberalismo. A maioria das pessoas em Birmingham, Istambul, Sampetersburgo e Bombaim têm apenas uma leve noção, se é que têm sequer a noção, do surgimento da inteligência artificial e do potencial impacto que esta terá nas suas vidas. Porém, não há qualquer dúvida de que as revoluções tecnológicas ganharão dinâmica nas próximas décadas, e que confrontarão a Humanidade com as provações mais difíceis que algum dia teve de enfrentar. Qualquer narrativa que queira conquistar a filiação da Humanidade terá, acima de tudo, de se mostrar capaz de fazer frente às revoluções gémeas da tecnologia da informação e da biotecnologia. Se o liberalismo, o nacionalismo, o islão ou qualquer outro credo novo quiser moldar o

mundo do ano 2050, terá não só de conseguir explicar a inteligência artificial, os algoritmos da *Big Data* e a bioengenharia como também terá de os integrar numa nova narrativa com sentido.

Para compreender a natureza deste desafio tecnológico, talvez seja mais fácil começar com o mercado de trabalho. Desde 2015 que viajo pelo mundo a falar com governantes, empresários, ativistas sociais e estudantes sobre a encruzilhada humana. Sempre que o discurso sobre inteligência artificial, algoritmos de grandes bases de dados e bioengenharia os deixa impacientes ou aborrecidos, em geral basta-me referir uma palavra mágica para recuperar instantaneamente a sua atenção: emprego. A revolução tecnológica pode, em breve, deixar milhões de seres humanos fora do mercado de trabalho e criar uma gigantesca classe social inútil, levando a convulsões sociais e políticas que nenhuma ideologia existente sabe como gerir. Toda esta conversa sobre tecnologia e ideologia pode parecer muito abstrata e distante, mas a perspetiva bastante concreta de desemprego maciço — ou desemprego pessoal — não deixa ninguém indiferente.

Criámos os mitos
para unir a nossa espécie.

Domámos a Natureza
para que nos desse o seu poder.

Agora, estamos a redesenhar a vida
para que possamos alcançar os nossos sonhos mais ousados.

Mas será que ainda sabemos quem somos?
Ou será que as nossas invenções acabarão
por nos tornar irrelevantes?

Como podemos proteger-nos de uma guerra nuclear,
de cataclismos ecológicos ou de falhas tecnológicas?
O que podemos fazer contra a epidemia de notícias falsas
ou a ameaça do terrorismo? O que devemos ensinar aos nossos filhos?

Yuval Noah Harari leva-nos numa viagem emocionante pelas questões mais
prementes da atualidade. O fio condutor que percorre este seu novo
e impressionante livro é o desafio de conseguirmos manter a concentração,
tanto a nível coletivo como individualmente, diante de um mundo
de mudanças constantes e desorientadoras. Seremos nós ainda capazes
de compreender o mundo que criámos?

**«Yuval Noah Harari é um historiador visionário
e um divulgador naturalmente dotado.»**

The Guardian

ELSINORE entre nós e as palavras 20 20 editora	ISBN 978-989-8864-38-3  9 789898 864383 Ensaio
YOU ARE WELCOME TO WWW.ELSINORE.PT	